

VOZES QUE NUNCA SOUBERAM VOLTAR

"Aos meus amigos mortos pela Covid 19"

Nesta tarde de chuva,
a luz dorme entre as árvores robustas
dispersas de neblina,
que declinam na minha janela
na tapeçaria de um sonho permitido.

Os pássaros voam livres,
e o silêncio do vento
traz a guerra dos verbos submersos
na garganta dos amigos
ordenados na memória de casa.

Vozes estranhas chegam com a chuva
como hóspedes sem vésperas,
hospedando as tristezas
mofadas na minha pele,
daqueles seres que morreram sem fôlego
junto ao muro da fadiga.

Vozes que sentem que ontem palpitarão
a linguagem dos abetos pronunciados
na natureza ocre da esperança
e no meu coração deserto e fatigado.

Vozes sem línguas nem suspiros,
sem gestos balbuciantes
nem impressões digitais.
Sem cartas nem equações,
sem campos santos
nem avatares.

Vozes que nunca souberam de regressos,
de genealogias e retratos familiares.
Vozes amordaçadas
entre as máscaras da rotina
do vírus que nos convida à morte.

Só elas relatam máscaras
e sombras desabitadas...
Vidros, médicos, sedativos,
horas e lágrimas tranquilas,
dançando no abismo
onde uma lâmina fria aproxima
o último suspiro dos nossos olhares.

Nunca ouviram falar dos seus amigos e
familiares

nem quando olharam para o seu rosto pela
última vez.

Quando olharam a última estrela?
Quando beberam o último cocktail?
Eles nunca o souberam...

Só sei que chegam a minha casa
enquanto a chuva cicatriza
as minhas lágrimas derramadas nas
bochechas,
olhando para Deus nesta tarde tempestiva
de vozes amordaçadas
junto ao cristal das memórias.

Ramón Uzcátegui, sc
(FOTO: [Noah](#))

